

A comissão de epidemiologia da ABRASCO organizou, no início de agosto, um seminário cujo principal objetivo foi discutir os principais desafios dos estudos de coorte no cenário contemporâneo, avaliar perspectivas e propor estratégias de forma a estimular a ampliação deste tipo de investigação no Brasil.

Apesar do aumento no número de pesquisas que utilizam este desenho, ainda estamos longe do necessário para avaliar a incidência de agravos à saúde no Brasil, muitos deles decorrentes de profundas mudanças demográficas e culturais ocorridas no país nas últimas décadas. Além disso, no contexto brasileiro, a realização de estudos de coorte deve levar em conta a diversidade de cenários e dificuldades crônicas de financiamento, buscando soluções criativas, que permitam, ao mesmo tempo, acompanhar os avanços metodológicos na área. A realização deste evento buscou, portanto, a reunião de epidemiologistas com interesse específico sobre aspectos metodológicos deste tipo de estudo.

A principal atividade do evento foi a discussão de seis estudos de coorte, com dois a três debatedores convidados. Desta forma foi possível aprender com a experiência, trazendo para a comunidade epidemiológica não só os sucessos e resultados positivos, como nas publicações científicas, mas, principalmente, partilhar experiência, problemas e estratégias.

Os seis estudos foram escolhidos buscando a maior diversidade possível: estudos observacionais e de intervenção; voltado para idosos, crianças, adultos ou populações específicas. Debatesmos a coorte de Pelotas, o estudo brasileiro mais antigo e com maior experiência acumulada; o estudo ARIC (*Atherosclerosis Risk in Communities Study*), multicêntrico sediado nos EUA, cuja coleta de dados iniciou em 1987; o projeto Bambuí, estudo de coorte de base populacional da saúde dos idosos, já com sete coletas; o estudo Pró-Saúde, que tem ênfase nos efeitos de posição social e comportamentos na população de trabalhadores da Universidade Estadual do Rio de Janeiro; o estudo REVAC, um ensaio randomizado em larga escala para avaliação da efetividade da segunda dose de

ABRASCO's epidemiology committee organized, in the beginning of August, a conference to discuss significant challenges for cohort studies in the contemporary scenario, in order to assess prospects and propose strategies aimed to foster the expansion of this type of investigation in Brazil.

In spite of the increasing number of studies using this design, we are still a long way from what is necessary to assess the incidence of diseases in Brazil, many of which are the consequences of the marked demographical and cultural changes that occurred in the country over past decades. Moreover, in the Brazilian scenario, the execution of cohort studies should take into account the wide range of conditions and chronic funding difficulties, by pursuing creative solutions that also allow following the methodological advances in the area. The conference aimed, therefore, to gather epidemiologists with specific interest in the methodological aspects of this type of study.

The event focused on the discussion of six cohort studies, with two to three guest debaters. In this fashion, it was possible to learn from experience, based on sharing with the epidemiological community not only the successes and positive results, as is the case of scientific publications, but, especially, experiences, problems and strategies.

*The six studies were chosen trying to encompass the broadest range possible: observational and intervention studies, focusing the elderly, children, adults and specific populations. We debated the Pelotas cohort, the longest lasting Brazilian study and with the largest accumulated experience; the ARIC (*Atherosclerosis Risk in Communities Study*) a multicenter study whose main site is in the US, and began collecting data in 1987; the Bambuí project, a population-based cohort study on the health of the elderly, and which has already visited the study population seven times; the Pro-Saúde study, with emphasis on the effects of social status and behaviors of the population of workers of the State University of Rio de Janeiro; the REVAC study, a randomized large-scale trial*

BCG; e o estudo multicêntrico com coortes de homo e bissexuais masculinos HIV negativos, cuja estratégia de recrutamento (*snow-ball*) foi amplamente discutida.

Diversos estudos importantes não foram, infelizmente, incluídos entre esses seis, pela opção por um evento pequeno, sem atividades simultâneas, com tempo suficiente para os debates.

O estado-da-arte foi apresentado em três conferências, que abordaram os *desenhos de estudos*, as *estratégias de viabilização* e a *modelagem estatística de dados longitudinais*. O evento se encerrou com a Mesa Redonda “*Problemas e Perspectivas dos Estudos Longitudinais no Brasil*”, abordando o papel destes estudos na definição de políticas de saúde e políticas de financiamento.

O evento superou as expectativas, tanto em relação ao interesse despertado – 179 participantes entre convidados e inscritos – como quanto ao grau de amadurecimento e profundidade dos debates. Foram três dias intensos, em que o sentimento predominante era de satisfação e de que aquele espaço, por si só, já representava um avanço e acesnava com grandes possibilidades e novas parcerias. Das questões estritamente acadêmicas às discussões de políticas públicas, houve, sem dúvida alguma, um nexo bastante coerente e que demonstrou estar a comunidade de epidemiologistas e gestores da área de saúde afinados no interesse de se fomentar novos estudos de coorte no país.

Motivados pelo sucesso deste primeiro Seminário Metodológico, a Comissão de Epidemiologia da ABRASCO pretende organizar outros eventos do mesmo tipo, sobre temas variados, entre os quais. Por exemplo, inquéritos e estudos de avaliação de intervenção, entre outros. Pretendemos publicar, nos próximos números da Revista Brasileira de Epidemiologia os debates do seminário, de forma a partilhar com os leitores da RBE a rica troca científica possibilitada pelo seminário.

Marília Sá Carvalho e Claudia Lopes
Comissão de Epidemiologia da ABRASCO

to assess the effectiveness of the second dose of BCG; and the multi-center study with homo and bisexual male HIV negative cohorts, whose recruiting strategy (snow-ball) was widely discussed.

Many major studies were not, unfortunately, included among these six, due to the option for a small event, without simultaneous activities, and with enough time to debate each of them.

The state of the art was presented in three conferences that focused on study designs, feasibility strategies and statistic modeling of longitudinal data. The conference ended with a debate on “Challenges and Future Directions of Longitudinal Studies in Brazil”, focusing on the role of these studies in the definition of healthcare and funding policies.

The conference exceeded expectations, both in relation to the interest aroused – 179 participants – and as to the degree of maturity and depth of debates. During the three intense days, the prevailing feeling was of satisfaction and that the conference itself already represented an advance, suggesting new possibilities and partnerships. From strictly academic issues to the discussion of public policies, there was, undoubtedly, a strong link between the epidemiologists community and managers, in tune with the interest to foster new cohort studies in the country.

Motivated by the success of this first Methodological Conference, ABRASCO's Epidemiology Committee intends to organize other events of the same kind, on various subjects, for example, surveys and studies to assess health intervention, among others. We intend to publish, in forthcoming numbers of Revista Brasileira de Epidemiologia the debates of the conference, in order to share with RBE readers the rich scientific exchange enabled by the event.

Marília Sá Carvalho and Claudia Lopes
ABRASCO's Epidemiology Committee